



BERNARDO CAPRARA

**TEMPO DE
SER PROFESSOR**
**NOTAS DE UMA AVENTURA
DOCENTE EM SOCIOLOGIA**

Copyright © Editora Café com Sociologia LTDA, 2026.

Normatização e Edição: Fabio Monteiro de Moraes

Revisão: Douglas Hinterholz Cauduro

Diagramação: Fabio Monteiro de Moraes

Capa: Cristiano das Neves Bodar

Conselho Editorial: Cassiane da C. Ramos Marchiori e Cristiano das Neves Bodart.

Comissão Editorial: César Alessandro Sangrillo Figueiredo, Fernanda Feijó, Igor Martinache, Joaquim Fialho, Marlucci Menezes, Ricardo Manuel Ferreira de Almeida, Thiago de Jesus Esteves e Thiago Ingrassia Pereira.

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Tuxped Serviços Editoriais (São Paulo, SP)

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Pedro Anizio Gomes – CRB-8 8846

C251t Caprara, Bernardo Mattes.

Tempo de ser professor: notas de uma aventura docente em sociologia / Bernardo Mattes Caprara; Prefácio de Coletivo Sociologiarartesanal – UFRGS. – 1. ed. – Macció, AL: Editora Café com Sociologia, 2026. 123 p.; quadros; fotografias; 14 x 21 cm.

ISBN 978-65-87600-87-1.

1. Ensino de Sociologia. 2. Experiência Docente. I. Título. II. Assunto. III. Autor.

26-3028256

CDD 301:371.3

CDU 316:37.013

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. Ensino de Sociologia, Formação de professores, Experiência docente.
2. Educação, Sociologia, professor, prática docente.

Referência

CAPRARA, Bernardo Mattes. **Tempo de ser professor: notas de uma aventura docente em sociologia**. 1. ed. Macció, AL: Editora Café com Sociologia, 2026.

1ª edição – 2026

Editora Café com Sociologia

CNPJ: 59.971.948/0001-37

Rua Manoel Fernandes da Silva, n. 23, Quadra E, Tabuleiro dos Martins

Macció-Alagoas. CEP. 57081011

Todos os direitos reservados.

É proibida a reprodução deste livro para fins comerciais sem prévia autorização da Editora Café com Sociologia.

Ainda sendo

Agora é o tempo invadindo a sala
denunciando tudo o que ultrapassa
ainda sendo (agora?), e não se cala
na vida que insiste, ou que devassa

Quem sabe, se sim, ou se não, fala!
Do profundo que nos descompassa
do que se pode, se arrisca, se exala
da força que vai, que vem, e grassa

E se firma o encanto, a vitalidade
e se pulsa, se dói, se vibra... estala
como for, vivendo, então compassa

E se firma o encanto, não embaça
coração de vida, de sangue, regala
gira, encanta, sente a intensidade.

Para minha mãe.

SUMÁRIO

<i>PREFÁCIO: POR UMA SOCIOLOGIA VIVA E EM ENVOLVIMENTO COM O MUNDO</i>	11
<i>INTRODUÇÃO: À PROCURA DE UMA SOCIOLOGIARTESANAL</i>	19
<i>AINDA SENDO</i>	29
<i>BASTIDORES</i>	29
<i>MULTIPLICAR A APOSTA</i>	30
<i>OS SONHOS NÃO ENVELHECEM</i>	31
<i>NOVAS E VELHAS DOCÊNCIAS</i>	33
<i>FAZER UMA FOGUEIRA</i>	34
<i>UMA CENTELHA PARA O CONHECIMENTO</i>	35
<i>EDUCAÇÃO E UMA SOCIOLOGIA VIVA</i>	36
<i>RODA VIVA</i>	37
<i>NOVO TEMPO</i>	38
<i>UM VIVA À DOCÊNCIA!</i>	39
<i>TEMPO DE VIVER</i>	40
<i>POR UMA SOCIOLOGIA VIVA</i>	41
<i>UM ALEGRE RETORNO</i>	42
<i>SUCO DE MOER GENTE</i>	43
<i>EDUCAÇÃO NÃO É MERCADORIA</i>	45

<i>FLORESCER E NÃO RECUAR</i>	46
<i>A LUA E O SENTIDO DA VIDA</i>	47
<i>AS CIÊNCIAS SOCIAIS E A VIDA QUE PULSA</i>	48
<i>SOPRANDO NO VENTO</i>	49
<i>LIBERDADE EM 2020</i>	50
<i>O NÁUFRAGO E A PRIMAVERA</i>	50
<i>EM DEFESA DAS CIÊNCIAS SOCIAIS</i>	51
<i>NÃO HÁ DE SER INUTILMENTE</i>	52
<i>35 VERÕES</i>	53
<i>SEM TEMPO A PERDER</i>	53
<i>A EDUCAÇÃO E OS PROBLEMAS DA VIDA REAL</i>	54
<i>LER O MUNDO, SER A GENTE MESMO(A)</i>	55
<i>JUSTIÇA CAOLHA?</i>	55
<i>O LEITOR E OS INSETOS</i>	56
<i>LIBERDADE INDIVIDUAL E RELAÇÕES SOCIAIS</i>	58
<i>OS LIVROS RESISTEM</i>	59
<i>A APOLOGIA E AS FORMIGAS</i>	50
<i>DESAMPARADOS(AS) E FEBRIS</i>	61
<i>ABRIR AS GAIOLAS</i>	63
<i>RESISTIR AO ÓDIO</i>	64
<i>FIM DE CICLO</i>	65
<i>PROFESSOR, ENTRE IDAS E VINDAS</i>	67
<i>CONTRARREFORMA DO ENSINO MÉDIO (1)</i>	68

<i>CONTRARREFORMA DO ENSINO MÉDIO (2)</i>	70
<i>NUNCA INTERDITAR O DEBATE</i>	72
<i>DESIGUALDADES, ESCOLA E SOCIOLOGIA</i>	74
<i>SORRISO AMARELO</i>	75
<i>TODO APOIO ÀS E AOS ESTUDANTES</i>	75
<i>SEM DOCTRINAÇÃO</i>	76
<i>POR QUE SER PROFESSOR?</i>	78
<i>A ESCOLA É POSSÍVEL</i>	79
<i>EDUCAÇÃO DOMICILIAR E DESESCOLARIZAÇÃO</i>	85
<i>ANALFABETISMO POLÍTICO</i>	87
<i>O QUE QUEREMOS PARA A JUVENTUDE?</i>	89
<i>NOVAS GENTES</i>	91
<i>UMA SOCIOLOGIA VIVA</i>	91
<i>DESCONFIAR É PRECISO</i>	92
<i>AQUELE ABRAÇO!</i>	93
<i>UM BOCADINHO DE TRISTEZA</i>	97
<i>UMA BANANA PARA AS CIÊNCIAS HUMANAS</i>	98
<i>DO DESÂNIMO À REFLEXÃO</i>	99
<i>UM NÓ PARA O ENSINO DE SOCIOLOGIA</i>	100
<i>SOU DÚVIDAS</i>	101
<i>COMO AMIGAS PRÓXIMAS</i>	101
<i>ALGUNS FANTASMAS</i>	102
<i>ENTRE ATAQUES</i>	103

<i>NOTAS DE UMA VIDA BARATA</i>	104
<i>EXPERIMENTANDO SIMETRIZAÇÕES</i>	104
<i>MAIS UMA TEMPORADA</i>	105
<i>TEMPO PODE SER VIDA</i>	106
<i>ESCREVENDO</i>	106
<i>MAIS UM ANO QUE SE VAI</i>	107
<i>PARA QUE SERVE A TUA SOCIOLOGIA?</i>	108
<i>POBREZA É UMA QUESTÃO COLETIVA</i>	109
<i>A DIFÍCIL ARTE DE (TENTAR) SER UMA MOSCA</i>	110
<i>A CIDADE DA BAHIA E AS DUAS SOCIOLOGIAS</i>	110
<i>REPENSAR EM BUSCA DO HÍBRIDO</i>	111
<i>TROCO UM TABLET PELA BUSCA DA DIGNIDADE</i>	113
<i>DAS SAUDADES E NOSTALGIAS</i>	115
<i>SOBRE O DIA DO(A) SOCIÓLOGO(A)</i>	116
<i>UMA DIFÍCIL DESPEDIDA</i>	117
<i>REFERÊNCIAS</i>	121

PREFÁCIO

Por uma Sociologia viva e em envolvimento com o mundo

Que este livro venha a público já diz muito sobre o tempo que ele habita, e sobre o modo como seu autor escolheu habitá-lo. Trata-se de um modo de fazer Sociologia que não se pretende exterior ao mundo, mas que se faz vivo em seu interior, no entrelaçamento de vidas, tempos, instituições e afetos. *Tempo de ser professor: notas de uma aventura docente em Sociologia* é um registro memorialístico de uma trajetória individual e a inscrição sensível de uma experiência coletiva que se constrói no entrelaçamento de instituições, relações e práticas em regime de co-implicação, com uma pluralidade de trabalhos educacionais e pessoas que habitam os espaços de construção e circulação do conhecimento. Em um cenário em que a docência costuma ser narrada sob a chave da técnica, da produtividade ou da escassez, a aposta aqui é outra: pensar o fazer docente como experiência viva, atravessada por encontros, riscos, dúvidas e encantamentos, que não cabem nas métricas nem nos discursos burocráticos da educação na contemporaneidade.

As notas que compõem este livro revelam um professor em permanente estado de “ainda sendo”, atento às brechas por onde a vida insiste em passar, mesmo quando a escola e a universidade são tensionadas pela precarização, pelo autoritarismo, pelo conservadorismo e pela mercantilização do conhecimento. Ao longo dos textos, a docência e a prática em

Sociologia escolar aparecem menos como transmissão e mais como envolvimento; menos como certeza e mais como aposta, invenção e desejo de ver o mundo como presença viva nos diversos espaços de escolarização. Trata-se de uma Sociologia que se faz no/com o corpo, no/com o cotidiano, na/com a escuta e na/com a partilha. Uma Sociologia viva, que não se separa das dores e das alegrias do mundo social que a produz. Dentre as provocações e inquietações feitas na obra, está colocar a docência, o conhecimento e a aprendizagem numa perspectiva de “envolvimento, atenção e disponibilidade para os riscos que a vida oferece”. Aqui está uma das inquietações que mobilizam o autor em suas práticas de ensino, pesquisa e extensão da escola à universidade.

O livro oferece uma perspectiva de educação a partir da mirada de um educador-aprendente que vem aprendendo que a educação se faz nas vicissitudes do cotidiano escolar e universitário, na produção de regimes discursivos e práticas que prospectam condições de vida mais humanas, justas, dignas e honradas para docentes e discentes originários das camadas sociais populares – pessoas negras, pessoas transgênero, pessoas indígenas. Trata-se de um educador-aprendente que vem apostando em uma Sociologia que pode ser muito mais do que arranjos teórico-metodológicos publicizados em espaços de validação, reprodução e competição acadêmica. O leitor e a leitora recebem o convite para seguir pensando em uma educação viva, feita de gente que gosta de gente. Uma educação e um ensino que assumem que o afeto vem antes da cognição.

A perspectiva adotada pelo autor toma a ternura e a sensibilidade como motes para a compreensão de que as trajetórias de quem estuda são indissociáveis de suas “inseguranças, angústias, ambições e desejos variados”, colocando-se sempre de coração aberto para escutar, apoiar e incentivar os e as estudantes. Encontra-se nessas notas de uma aventura docente em Sociologia um educador-aprendente que se despe das hierarquias silenciosas do mundo acadêmico para o exercício simples e profundo de olhar nos olhos, no mesmo nível de quem busca o saber. Isso

buscando praticar uma pedagogia engajada aliançada a uma pedagogia da autonomia, verdadeiramente libertadora, que caminha no sentido oposto às amarras protocolares da educação e do ensino neoliberalizados.

É nesse ponto que este prefácio se constitui como um gesto coletivo. Ele é escrito a partir das experiências de ex-estudantes de graduação, orientandos(as) de pós-graduação, docentes da Educação Básica e do Ensino Superior, pesquisadoras(es), colegas e amigas(os) que passaram e seguem passando por essa prática docente. É organizado como uma voz plural, na qual as trajetórias singulares de integrantes do Sociologiantesanal – Coletivo de Pesquisas, Ensino e Extensão em Sociologia e Educação¹ se reconhecem umas às outras. Não se trata de relatar feitos ou exaltar percursos, mas de tornar visíveis os efeitos formativos de um modo de ensinar que se constrói na convivência, no acompanhamento atento e na abertura constante ao outro e ao inesperado da educação. O que emerge aqui é uma experiência compartilhada de formação que ultrapassa os limites formais da sala de aula e se estende pelos corredores, pelos projetos coletivos, pelas orientações de graduação e pós-graduação, supervisões no Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID) e na Residência Pedagógica em Sociologia, pelas conversas informais nos corredores da universidade e da escola e pelos momentos de incerteza e decisão que se desdobram das relações na graduação e se afirmam na parceria em orientações de pesquisas.

As experiências que se condensam a partir desses encontros não obedecem a uma cronologia linear nem a uma narrativa estabilizada. Elas se produzem no movimento da vida que gira, nas mudanças que deslocam expectativas, nas encruzilhadas que salvam quando tudo parece já conhecido. As aprendizagens se inflamam justamente aí, nesse regime de instabilidade criativa, em que a docência não se apresenta

¹ Grupo de pesquisa liderado pelo autor e cadastrado no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq; <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/818542>

como forma acabada, mas como processo em construção, na produção de mundos e na aposta de que ainda há força entre nós, sociólogas(os) e profissionais da educação, e em como é preciso ter fé no trabalho que temos construído. Desde diferentes contextos institucionais, na licenciatura, na pós-graduação, na escola pública, nos projetos de pesquisa e extensão, nas páginas deste livro estão impressas as ideias não somente de um professor que vivenciou a escola pública e a universidade, mas que também tem afirmado um modo de habitar e ensinar no e com este mundo, que aceita o risco do encontro e se deixa atravessar pelas histórias, pelas dúvidas, potências e encruzilhadas daqueles que dele participam. A escola e a universidade públicas aparecem como evidências indiscutíveis para a construção do conhecimento democrático e para o acesso de pessoas diversas ao Ensino Superior.

O que se aprende nesse processo ultrapassa, de muito, a mera transmissão de conteúdos sociológicos. Aprende-se um modo de estar com o outro, marcado pela recusa da reprodução de violências simbólicas que organizam a vida acadêmica e pela aposta em relações fundadas na dignidade compartilhada, especialmente em contextos marcados por desigualdades, precariedades e incertezas, como tem sido o campo da educação escolar e universitária há tempo, sobretudo após o golpe de 2016 e as eleições de 2018. Sustentar o olhar no mesmo nível, legitimar perguntas ainda mal formuladas e acolher os tempos distintos (e difíceis) da educação e da aprendizagem transforma o ensino em prática de envolvimento, na qual aprender e ensinar se produzem mutuamente.

Para muitos de nós, esses encontros ocorreram em momentos de crise, quando a escolha da licenciatura vacilava, quando a permanência na universidade parecia improvável, quando o tempo investido na formação docente se chocava com frustrações institucionais ou com a dureza da realidade social. Foi justamente nessas zonas de indeterminação que a experiência docente aqui narrada se revelou como força de reen-

cantamento que sustenta o olhar sensível e crítico do autor, que afirmou em algum momento em debate de aula, conversas de corredor ou orientação/supervisão que “nós somos a periferia disso aqui e desde aqui firmamos nosso lugar, nosso compromisso e produzimos aquilo que nos faz sentido, com rigorosidade e excelência, porque não faz sentido o exercício de ocupar outro lugar com outro entendimento sobre esse mesmo espaço...”. É por isso que os escritos em formato de notas deste livro também carregam conselhos, que se sustentam de acúmulos de uma trajetória atenta que sistematiza e elabora suas experiências vividas desde o chão da educação, de modo sofisticado, como um contra ritual daquilo que não convém circular no âmbito do ensino e da aprendizagem. Ao mesmo tempo, que atua como ritual do que convém circular, desde a preservação de legados até a capacidade de diálogo com a realidade vivida, e que convida a uma constante inquietação, aquela própria de quem é educador e pesquisador engajado.

As páginas de *Tempo de ser professor* insistem que a Sociologia, e mais especificamente o ensino de Sociologia, pode ser sustentada por meio de arranjos teórico-metodológicos críticos, engajados e inventivos. A Sociologia que ali se escreve, e que aqui reconhecemos como nossa, pulsa no chão da escola e da sala de aula, nos deslocamentos pela cidade, nas experiências escolares, nas reuniões de pesquisa, nas atividades de extensão e nas conversas que escapam aos registros formais. Trata-se de uma Sociologia viva, situada, atravessada por afetos, que reconhece a centralidade da experiência e não se separa das condições concretas de existência daqueles e daquelas que ensinam, aprendem e pesquisam.

Audre Lorde (2020), professora e poeta afro-estadunidense, alertava que os climas emocionais são minuciosamente absorvidos e metabolizados nas experiências cotidianas e que, em contextos educativos, mais do que o domínio da técnica, é fundamental que educadores e educadoras comprometidos com uma educação democrática mantenham suas percepções aguçadas para o todo da experiência escolar. Estar

atento a esse todo implica reconhecer que a educação e a escola são espaços de produção incessante de fluxos de desejo e de subjetividade, ainda que atravessados por investidas estatais e políticas educacionais que buscam reprimir, ajustar ou moldar tais processos. O livro que o leitor e a leitora têm em mãos, ou em tela, explicita esse posicionamento crítico de seu autor diante do fenômeno educativo, bem como sua aposta na encruzada ético-político-poética entre a vida, a educação e a Sociologia.

A mais poderosa comprovação do que este livro propõe está na materialização de seus princípios nas relações formativas que o autor vem construindo ao longo do tempo. Essa experiência tem sido vivenciada nos espaços de orientação, pesquisa e docência compartilhados, nos quais as formalidades institucionais são atravessadas por práticas de escuta, confiança e abertura intelectual. A orientação atenta, articulada a uma postura genuinamente dialógica, não se limita à condução metodológica, mas cria condições para o exercício da autonomia criativa. Essa dinâmica, amplamente teorizada em seus escritos sobre a sala de aula, concretiza-se em ações efetivas: a confiança para assumir disciplinas na pós-graduação e na graduação, bem como o desdobramento da orientação em pesquisa colaborativa e produção intelectual conjunta, como na coautoria de artigos científicos, capítulos de livro, participação em congressos, etc.

Trata-se, pois, de um ciclo virtuoso entre orientação, docência e pesquisa partilhada, que tem produzido processos intensos de crescimento intelectual e de inserção qualificada no debate sociológico. Ler *Tempo de ser professor* é, assim, reconhecer nas páginas o mesmo modo de estar com o outro que se experimenta na convivência formativa, uma ética do encontro, o respeito à autonomia e a crença no conhecimento como prática essencialmente coletiva.

Essa aposta se expressa também na forma como o livro está organizado. A escolha pela escrita em notas não é um recurso secundário, sendo parte constitutiva da proposta. As notas não exigem uma leitura

linear nem se oferecem como capítulos fechados. Elas se abrem à leitura descontínua, permitindo a cada leitor e leitora acompanhar seu próprio percurso a partir das afetações que emergem no contato com o texto. Este diário de bordo de uma vida dedicada ao ensino é, também, um manifesto contra todas as formas de desencanto. Ele narra a luta diária por significado em um cenário de precarização, mas o faz sem jamais perder de vista a “esperança equilibrista”, aquela que não é ingênua, mas teimosa, forjada na convicção de que a educação, especialmente a pública, permanece um dos últimos espaços comuns onde um futuro diferente pode ser ensaiado. Cada nota pode funcionar como ponto de intensidade, como disparador de memória, reflexão e inquietação do autor e para os e as leitoras da obra, reafirmando que o conhecimento, assim como a docência, é produzido no encontro e não em práticas pré-estabelecidas.

A mesma perspectiva permeia a concepção da pesquisa e da orientação acadêmica. Orientar, nesse contexto, não significa conduzir trajetórias de forma tutelar, mas criar condições para que outros possam experimentar a escrita, a pesquisa e a docência com autonomia e responsabilidade. Assim, assumir um lugar periférico no campo universitário não implica abdicar da rigorosidade, porque significa afirmar um compromisso ético e político com formas de produzir conhecimento que façam sentido para quem pesquisa e para o mundo que se deseja compreender e transformar. Desde esse lugar, produzem-se saberes atentos à realidade vivida, capazes de preservar legados, dialogar criticamente com o presente e sustentar inquietações que movem o pensamento e fazem rachar pensamentos e posturas conservadoras e reacionárias “sequestradas pelo individualismo e pela mercantilização do próprio existir”, e que ignoram as possibilidades de produção de subjetividades que vibrem e alegrem-se pelas vitórias cotidianas, contextualizando-as e “entendendo-as como parte de uma vasta jornada”, nas palavras do próprio autor.

Ao reunir essas experiências, o Sociologiartesanal se afirma como coletivo de pesquisas, ensino e extensão que compreende a docência como agenciamento, um entrelaçamento contínuo entre sujeitos(as), instituições, afetos e práticas. Nesse sentido, o gesto que atravessa este livro dialoga diretamente com a provocação de Ailton Krenak (2020, p. 24), ao nos convocar a repensar nossos modos de existência, e ao afirmar que é preciso “parar de nos desenvolver e começar a nos envolver”. *Tempo de ser professor* inscreve-se exatamente nesse deslocamento, menos desenvolvimento linear, mais envolvimento com a vida que pulsa na escola, na universidade e nos encontros que nos transformam. Assim, este livro, como a docência que o sustenta, não se encerra em si mesmo. Ele permanece em movimento, produzindo afetos, acendendo fogueiras e reafirmando que ensinar e aprender são, antes de tudo, formas de estar junto no e com o mundo.

**Porto Alegre – Salvador
Fevereiro de 2026**

Coletivo Sociologiartesanal – UFRGS

Alynni Luiza Ricco Ávila

Micaela Severo da Fonseca Jessof

Rafael D’Ávila Barros

Sofhia Raupp Jorge Pereira

Weslley Daniel Bueno Moraes

Coordenação

Lucas Antunes Machado

Doutor em Sociologia e docente no
Departamento de Sociologia da UFBA

Referências

KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LORDE, Audre. *Sou sua irmã*: escritos reunidos. São Paulo: Ubu Editora, 2020.